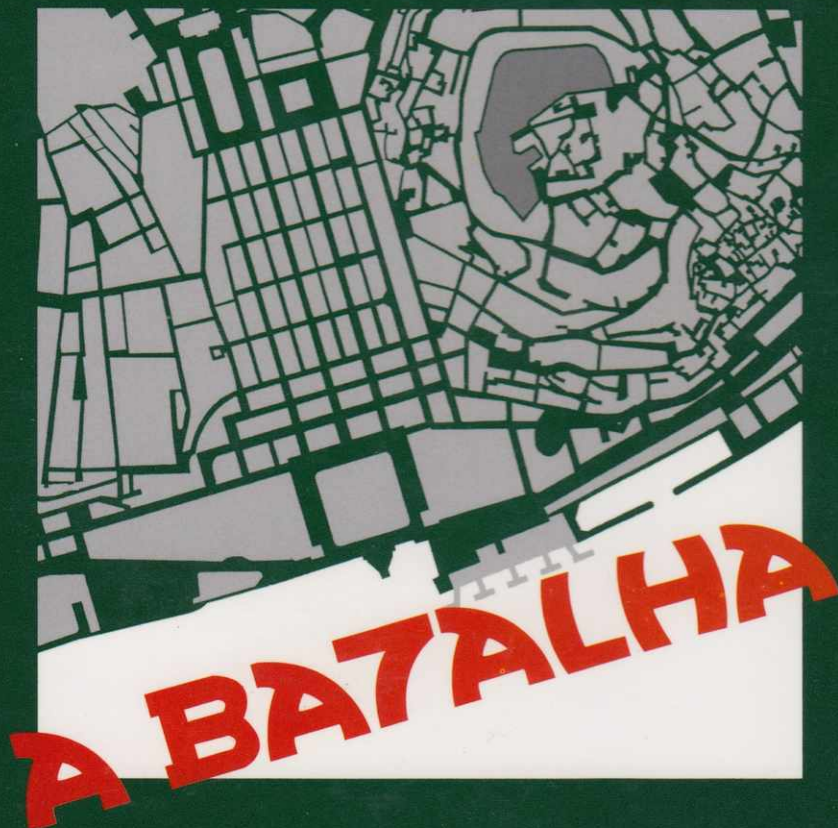


João Freire e Maria Alexandre Lousada

Roteiros da Memória Urbana Lisboa

Marcas deixadas por libertários e afins ao longo do século XX

Movimento Social Crítico e Alternativo



Edições Colibri

Empresa Editora de *A Batalha*

O estatuto jurídico interessa aqui menos do que a realidade deste grupo muito alargado “de projecto” – contudo, orgânico e por cooptação pessoal, não estando aberto a livres adesões individuais – que consistiu em lograr manter nas bancas um jornal diário (já várias vezes tentado e sempre falhado), sustentado apenas pelo seu preço de venda e alguma escassa publicidade comercial, e com uma linha editorial de clara afirmação ideológica, defensora das classes trabalhadoras e do povo, crítica dos partidos políticos e dos mecanismos de poder instituído, e aberta à cultura e ao internacionalismo. Isto só foi possível porque se reuniu um escol de intelectuais, artistas e autodidactas, de militantes sérios e experimentados, e de jovens de espírito libertário que, em conjunto, souberam gerir as suas diferenças e gerar um dinamismo entusiasmante para toda uma geração de leitores e simpatizantes. O livro de Jacinto Baptista *Surgindo Vem ao Longe a Nova Aurora...* (estrofe do hino de ‘A Batalha’) dá bem conta de tal gesta. Foram aqui fundamentais dezenas de pessoas cujos nomes deviam ser evocados mas, nessa impossibilidade, é justo lembrar o do seu primeiro redactor-principal: Alexandre Vieira. E ao lado do jornal noticioso diário (Fevereiro de 1919 – Maio de 1927, com algumas curtas interrupções por injunção policial/judicial), havia o Suplemento Literário e Ilustrado (semanal, 1923-1927), o magazine *Renovação* (quinzenal, 1925-1926) e as edições de livros e brochuras. Funcionou sempre junto à sede da CGT, de que era o porta-voz, no edifício do palácio do Correio Velho, na Calçada do Combro nº 38, 1º andar.



Grupo Dramático de Belém

Foi fundado em 1908, tinha a sua sede na Rua Paulo da Gama (junto ao antigo mercado e à Rua da Cadeia, perto do mosteiro dos Jerónimos) e acabou cerca de 1935, devido à demolição dessa parte do bairro de Belém, por força das edificações monumentais e arranjos paisagísticos para as comemorações centenárias de 1940. Dispondo de um pequeno salão com palco, mantinha uma actividade de teatro amador, escola e biblioteca. Nos anos 20 e 30 tornou-se sobretudo num local de encontro e convívio do militantismo sindicalista e libertário, albergando também quase todas as sedes dos organismos operários da zona ocidental de Lisboa. Já sob a ditadura militar, chegaram a estar aí escondidas armas e munições, e houve militantes dos “grupos de acção” que à noite iam treinar tácticas militares para a zona das docas, pensando num próximo “golpe do revirvalho”.